Exercícios Interpretação de Textos Dissertativos – Lista 1 – Com Gabarito

1) (FGV-2005)
A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

O texto introduz parágrafos duas vezes com a expressão "Para isto" . Assinale a alternativa correta em relação a essa expressão no texto.
a) Na primeira ocorrência, isto significa definição de cultura.
b) Na primeira ocorrência, isto significa cultura.
c) Na segunda ocorrência, isto significa resolver o paradoxo.
d) Na segunda ocorrência, isto significa refutar uma forma ideal de homem.
e) Na segunda ocorrência, isto significa a cultura deve ser considerada um programa.

2) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

De acordo com o texto, a identificação do leitor com o que lê ocorre sobretudo quando
a) ele sabe reconhecer na obra o valor consagrado pela tradição da crítica literária.
b) ele já conhece, com alguma intimidade, as experiências representadas numa obra.
c) a obra expressa, em fórmulas sintéticas, a sabedoria dos antigos humanistas.
d) a obra o introduz num campo de questões cuja vitalidade ele pode reconhecer.
e) a obra expressa convicções tão verdadeiras que se furtam à discussão.

3) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

O sentido da frase *Nada do que é humano me é alheio* é equivalente ao desta outra construção:
a) O que não diz respeito ao Homem não deixa de me interessar.
b) Tudo o que se refere ao Homem diz respeito a mim.
c) Como sou humano, não me alheio a nada.
d) Para ser humano, mantenho interesse por tudo.
e) A nada me sinto alheio que não seja humano.

4) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

De acordo com o texto, a convicção despertada por uma leitura proveitosa é, precisamente, a de que
a) sempre existe a possibilidade de as palavras serem profundamente reveladoras.
b) as palavras constituem sempre um movimento de profunda revelação.

c) é muito fácil encontrar palavras que sejam profundamente reveladoras.
d) as palavras sempre caminham na direção do outro, do mundo, de cada um de nós.
e) nenhuma palavra será viva se não provocar o imediato prazer do leitor.

5) (UFSCar-2004) As pessoas que admitem, por razões que consideram moralmente justificáveis, a eutanásia, o fato de acelerar ou mesmo de provocar a morte de um ente querido, para lhe abreviar os sofrimentos causados por uma doença incurável ou para terminar a existência miserável de uma criança monstruosa, ficam escandalizadas com o fato de que, do ponto de vista jurídico, a eutanásia seja assimilada, pura e simplesmente, a um homicídio. Supondo-se que, do ponto de vista moral, se admita a eutanásia, não se atribuindo um valor absoluto à vida humana, sejam quais forem as condições miseráveis em que ela se prolonga, devem-se pôr os textos legais em paralelismo com o juízo moral? Seria uma solução perigosíssima, pois, em direito, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos, promulgando uma legislação indulgente nessa questão de vida ou de morte. Mas constatou- se que, quando o caso julgado reclama mais a piedade do que o castigo, o júri não hesita em recorrer a uma ficção, qualificando os fatos de uma forma contrária à realidade, declarando que o réu não cometeu homicídio, e isto para evitar a aplicação da lei. Parece-me que esse recurso à ficção, que possibilita em casos excepcionais evitar a aplicação da lei - procedimento inconcebível em moral -, vale mais do que o fato de prever expressamente, na lei, que a eutanásia constitui um caso de escusa ou de justificação.

(Perelman, *Ética e Direito*.)

A partir do texto, pode-se concluir que:
a) admitir a eutanásia é atribuir um valor absoluto à vida humana.
b) as pessoas ficam escandalizadas com a eutanásia.
c) o comportamento do júri prevê, sempre, o cumprimento da lei.
d) no caso de uma criança monstruosa, a lei pode prever a eutanásia.
e) a moral exige, sempre, a aplicação da lei.

6) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.
Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95.
Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

O título que melhor sintetiza o texto é:
a) Reforma ortográfica: alterações no tempo e no espaço.
b) Reforma ortográfica: ação inútil e frívola.
c) Reforma ortográfica: obsessão dos gramáticos.
d) Reforma ortográfica: necessidade recorrente.

7) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95.
Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

O objetivo da reforma ortográfica aprovada pelo Senado Federal é:
a) Dinamizar o ensino do Português.
b) Aproximar as grafias do Português do Brasil e de Portugal.
c) Simplificar a Língua Portuguesa.
d) Fazer coincidir a fala com a escrita.

8) (UFSCar-2004) O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. (...) Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há-de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que

não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras.

(Vieira, Sermão da Sexagésima.)

No texto, Vieira critica um certo estilo de fazer sermão, que era comum na arte de pregar dos padres dominicanos da época. O uso da palavra xadrez tem o objetivo de
a) defender a ordenação das idéias em um sermão.
b) fazer alusão metafórica a um certo tipo de tecido.
c) comparar o sermão de certos pregadores a uma verdadeira prisão.
d) mostrar que o xadrez se assemelha ao semear.
e) criticar a preocupação com a simetria do sermão.

9) (UFSCar-2004) Precisamos de um novo “software” para acessar o mundo. As soluções que serviam há 30 anos já não valem mais. Os jovens atuais não copiam nada, pelo contrário: são filhos da era pós-industrial e estão criando uma nova cultura. Os toques foram dados pelo psicanalista lacaniano Jorge Forbes, durante a palestra Édipo, adeus: o enfraquecimento do pai.

Há uma nova ordem social no mundo. Muitos pais, educadores, psicanalistas, pensadores, todos ainda apresentam velhas soluções para novos problemas, mas é o momento de observar as mudanças, de agir de acordo com elas. Forbes lembrou que, antigamente, o jovem reclamava por não ter liberdade de escolha. Hoje, ele tem essa liberdade e se sente completamente perdido. Isso leva, entre outras coisas, às drogas e à depressão.

O jovem moderno é diferente daquele da geração de 68, que levantava bandeiras e pregava planos de reforma da educação e da sociedade. A globalização provocou mudanças. Antes, as pessoas queriam pertencer a grandes corporações ou ter profissões reconhecidas. Não é mais uma honra ficar no mesmo emprego por mais de cinco anos e acabou essa história de “sujar a carteira”, termo usado para quem ficava pouco tempo num só trabalho. A globalização pulverizou os ideais e exige de cada pessoa uma escolha meio angustiante: será que realmente queremos o que desejamos? No lugar do papel contestador da geração 68, temos hoje uma geração jovem que exibe fracasso escolar, menosprezo e desinteresse pelo saber orientado. O jovem não vê razão em se formar; em ser doutor, bússola da geração dos seus pais. Vivemos uma vida que foi despadronizada. “Somos passageiros de um novo mundo”, acrescentou o psicanalista.

(Adaptado de Janete Trevisan, Jornal do Cambuí.)

a) Explique a relação entre a expressão o enfraquecimento do pai, utilizada pelo psicanalista no título de sua palestra, e o conteúdo apresentado pela autora do texto.
b) O que quer dizer a expressão saber orientado, presente no último parágrafo do texto?

10) (UFSCar-2004) Precisamos de um novo “software” para acessar o mundo. As soluções que serviam há 30 anos já não valem mais. Os jovens atuais não copiam nada, pelo contrário: são filhos da era pós-industrial e estão criando uma nova cultura. Os toques foram dados pelo psicanalista lacaniano Jorge Forbes, durante a palestra Édipo, adeus: o enfraquecimento do pai.

Há uma nova ordem social no mundo. Muitos pais, educadores, psicanalistas, pensadores, todos ainda apresentam velhas soluções para novos problemas, mas é o momento de observar as mudanças, de agir de acordo com elas. Forbes lembrou que, antigamente, o jovem reclamava por não ter liberdade de escolha. Hoje, ele tem essa liberdade e se sente completamente perdido. Isso leva, entre outras coisas, às drogas e à depressão.

O jovem moderno é diferente daquele da geração de 68, que levantava bandeiras e pregava planos de reforma da educação e da sociedade. A globalização provocou mudanças. Antes, as pessoas queriam pertencer a grandes corporações ou ter profissões reconhecidas. Não é mais uma honra ficar no mesmo emprego por mais de cinco anos e acabou essa história de “sujar a carteira”, termo usado para quem ficava pouco tempo num só trabalho. A globalização pulverizou os ideais e exige de cada pessoa uma escolha meio angustiante: será que realmente queremos o que desejamos? No lugar do papel contestador da geração 68, temos hoje uma geração jovem que exibe fracasso escolar, menosprezo e desinteresse pelo saber orientado. O jovem não vê razão em se formar; em ser doutor, bússola da geração dos seus pais. Vivemos uma vida que foi despadronizada. “Somos passageiros de um novo mundo”, acrescentou o psicanalista.

(Adaptado de Janete Trevisan, Jornal do Cambuí.)

A autora utiliza alguns elementos da tecnologia para traduzir seu pensamento no texto.
a) Transcreva um trecho em que isso acontece.
b) Qual o sentido, no último parágrafo do texto, da frase *Vivemos uma vida que foi despadronizada*?

11) (UFSCar-2004) Se você quer construir um navio, não peça às pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar.

(Saint-Exupéry)

No texto apresentado, Saint-Exupéry defende
a) o esclarecimento das tarefas a serem realizadas.
b) a posição de que aquele que manda não precisa saber fazer.
c) a delegação de tarefas, sem demasiadas explicações.
d) a motivação das pessoas para fazer seu trabalho.
e) o planejamento estratégico na elaboração de um trabalho.

12) (FEI-1997) "Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano,

que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro indômito, chegando às areias, pára; as árvores, onde as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele".

Assinale a alternativa que proponha uma interpretação adequada ao texto:
a) O autor critica os colonizadores portugueses que, graças a sua ganância e ambição, escravizava negros e índios.
b) O homem é, como os outros elementos da natureza, um eterno aprendiz.
c) O homem é o centro do mundo e, por isso, deve comandá-lo.
d) O homem nunca consegue sentir-se plenamente realizado, ainda que tenha boas condições de vida.
e) É uma crítica à destruição ambiental.

13) (PUC - PR-2007)

Livro infantil para deficientes visuais

A Editora DCL aposta na produção de livro infantil destinado, também, às crianças com deficiência visual. Acaba de lançar no mercado o título *Um Mundinho para Todos*, de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen (texto e ilustrações), que apropriadamente trata de um mundo ideal onde todas as pessoas convivem bem, independentemente de suas diferenças sociais, étnicas e religiosas. Com textos em Braille, caracteres ampliados e imagens em relevo, é indicado para a faixa etária de 2 a 5 anos. É a primeira obra impressa de uma editora comercial que atende aos princípios de inclusão social, permitindo a leitura por crianças com visão normal, subnormal e cegas.

(Panorama Editorial (junho/2006).)
Indique a alternativa em que a afirmação NÃO corresponde aos fatos contidos no texto II.
a) A DCL é uma editora que produz exclusivamente livros infantis para deficientes visuais.
b) Pelo tom do texto, percebe-se que seu autor considera o livro Um mundinho para todos uma obra de boa qualidade.
c) O propósito do texto é divulgar o lançamento de um livro infantil.
d) O livro é escrito em dois sistemas: Braille e escrita alfabética.
e) Crianças com visão subnormal conseguem ler o livro porque nele as letras do texto estão em tamanho maior que o convencional.

14) (ENEM-2002) “A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda a gente sabe que foi o navegador Cook que a introduziu no Ocidente, e esse escrevia tattou, termo da Polinésia de tatou ou tu tahou, ‘desenho´.
(...) Desde os mais remotos tempos, vemo-la a transformar-se: distintivo honorífico entre uns homens, ferrete de ignomínia entre outros, meio de assustar o adversário para os bretões, marca de uma classe de selvagens das ilhas marquesas (...) sinal de amor, de desprezo, de ódio (...). Há três casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros,os turcos com o fundo religioso e o bando de meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que se marcam por crime ou por ociosidade.”
RIO, João do. Os Tatuadores. Revista Kosmos. 1904, apud: A alma encantadora das ruas, SP: Cia das Letras, 1999.

Com base no texto são feitas as seguintes afirmações:

I. João do Rio revela como a tatuagem já estava presente na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos desde o início do século XX, e era mais utilizada por alguns setores da população.
II. A tatuagem, de origem polinésia, difundiu-se no ocidente com a característica que permanece até hoje: utilização entre os jovens com função estritamente estética.
III. O texto mostra como a tatuagem é uma prática que se transforma no tempo e que alcança inúmeros sentidos nos diversos setores das sociedades e para as diferentes culturas.

Está correto o que se afirma apenas em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

15) (Mack-2004) “De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

A reprodução de explicações do neurologista tem, no texto, o intuito de:

a) assegurar marcas de oralidade, necessárias ao texto jornalístico atual.
b) separar claramente as opiniões conflitantes - do jornalista e do especialista consultado - acerca do tema.
c) validar, por meio das palavras de um especialista, as informações divulgadas no texto.
d) evidenciar a discordância entre o discurso do leigo, presente no texto da internet, e o do cientista.
e) explicitar o caráter abstrato e tecnicista das descrições médicas, sempre distantes do uso coloquial da língua.

16) (Mack-2004) “De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etão, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

Assinale a alternativa correta sobre o primeiro parágrafo do texto.
a) É rigoroso na separação entre a exposição e a forma de exemplificação de um conceito.
b) Opera com um mecanismo que permite a demonstração prática da idéia defendida.
c) Divulga, com precisão técnica, uma descoberta científica recente, ao mesmo tempo em que indica formas de testá-la.
d) Corresponde a um teste científico, que não inclui a exposição das hipóteses que o fundamentam.
e) Desenvolve um conceito teórico que tem sua aplicação exemplificada nos outros parágrafos.

17) (Mack-2004) “De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etão, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

Considere as seguintes afirmações sobre o segundo parágrafo.
I. A conjunção “mas” permite pressupor que conhecimentos científicos, geralmente, não se manifestam em brincadeiras.
II. A negativa com que é iniciado tem a função de simular um diálogo com o leitor.
III. Os dois-pontos introduzem trecho que fundamenta a informação enunciada anteriormente.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se todas as afirmativas estiverem incorretas.
c) se apenas I e II estiverem corretas.
d) se apenas I e III estiverem corretas.
e) se apenas II e III estiverem corretas.

18) (UEPB-2006) “Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas.”
(João Ubaldo Ribeiro, Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Assinale, entre as afirmações relativas a esse excerto, a única correta:
a) Há uma impropriedade sintática, pois o verbo OUVIR foi construído com complemento preposicionado.
b) VÍVERES é uma palavra substantivada, derivada do infinitivo flexionado.
c) Depreende-se que as empregadas domésticas dizem que os responsáveis pela merenda escolar são socialistas.
d) Pode-se concluir que o comunismo no Rio de Janeiro é responsável pela merenda escolar.
e) Os QUÊS têm a mesma função, sem referência e sem significado.

19) (UEPB-2006) “Nas mulheres heterossexuais, os dedos indicador e anular têm praticamente o mesmo tamanho. Já as lésbicas, segundo o psicólogo Marc Breedlove, autor da pesquisa, têm o dedo indicador mais curto, como os homens.”
(Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Pode-se inferir, do trecho, que:
a) As lésbicas têm, como os homens, todos os dedos desiguais.
b) Os homens heterossexuais têm o “fura-bolo” maior que o “senhor vizinho”.
c) As mulheres homossexuais têm o “o senhor vizinho” menor que o “fura-bolo”.
d) Os homens homossexuais devem ter os dedos indicador e anular praticamente iguais.
e) Marc Breedlove é preconceituoso, a ponto de ver, nos dedos, diferenças entre gays e machos.

20) (UEPB-2006) "Os anos de 70 exigiriam um discurso à parte sobre a poesia mais nova que vem sendo escrita. De um modo geral as chamadas vanguardas mais pragmáticas de 1950- 60 vivem a sua estação outonal de recolha das antigas riquezas [...] Outras parecem ser as tendências que ora prevalecem e sensibilizam os poetas. Limito-me a mencionar três delas:
a) Ressurge o *discurso poético* e, com ele, o *verso*, livre ou metrificado;
b) Dá-se nova e grande margem à *fala autobiográfica*, com toda a sua ênfase na livre, se não anárquica, expressão do desejo e da memória;
c) Repropõe-se com ardor o *caráter público e político* da fala poética [...] Dois poetas que, desaparecidos em plena juventude, se converteram em emblemas dessa geração: Ana Cristina Cesar e Cacaso, pseudônimo de Antônio Carlos Brito. Em ambos, o lirismo do cotidiano e a garra crítica, a confissão e a metalinguagem se cruzavam em zonas de convívio em que a dissonância vinha a ser um efeito inerente ao gesto da escrita".
(Alfredo Bosi)
Analise as proposições e marque a alternativa correta:
I. A poesia de Ana Cristina Cesar traduz o pensamento de renovação da escrita literária, em seu tempo, porque se propõe a condensar várias características desta *nova vertente de pensamento*, pois a autobiografia, o cotidiano, o verso prosaico e outros expedientes poéticos são incorporados à linguagem de suas obras, especificamente de *A teus pés*.
II. A poesia de Ana Cristina Cesar traduz o pensamento de renovação da escrita literária, em seu tempo, porque se propõe a condensar características desta *nova vertente de pensamento*, pois a autobiografia, o cotidiano, o verso prosaico e outros expedientes poéticos não são incorporados à linguagem de suas obras, especificamente de *A teus pés*.
III. A poesia de Ana Cristina Cesar traduz o pensamento de renovação da escrita literária, em seu tempo, porque se propõe a condensar características desta *nova vertente de pensamento*, pois a autobiografia, o cotidiano, o verso prosaico e outros expedientes poéticos são incorporados à linguagem de suas obras como *acidente político*, ou seja, o momento em que vive exige da poeta uma certa *resistência* no âmbito da linguagem; logo, a sua poesia só é assim caracterizada porque *localizada*, porque restrita a apenas atitudes políticas momentâneas, especificamente em *A teus pés*.
a) Todas as proposições estão corretas
b) Somente a proposição II está correta
c) Somente a proposição III está correta
d) Somente a proposição I está correta
e) Nenhuma proposição está correta

21) (UEPB-2006) "VENCE MAIS UMA, BRASIL.
Em relação ao texto acima, podemos afirmar:
NO CAMPO DA VACINAÇÃO,
CADA VEZ MAIS SÓ DÁ BRASIL.
ESTE ANO, VAMOS JUNTOS
BATER MAIS UM RECORDE.
O Brasil não registra mais nenhum caso de paralisia infantil.
Graças ao trabalho de mais de 400 mil servidores de saúde e voluntários e de milhões de famílias, ano passado conseguimos bater mais um recorde histórico: 16,5 milhões de crianças foram vacinadas. Este ano, a vacinação do idoso também bateu recorde de cobertura. Mais que motivos de orgulho, estas marcas colocam o Brasil como campeão da vacinação.
Agora não vamos dar chance, porque o jogo continua.
Dia 11 de junho, leve seus filhos menores de 5 anos ao posto de vacinação mais próximo. É de graça e não se esqueça de levar o cartão da criança. Vamos continuar ganhando esse jogo."
(Propaganda, Veja, n. 23, ano 38, 08 de junho/05)
I. Implicitamente às frases: "O Brasil não registra mais nenhum caso de paralisia infantil" e "Este ano, a vacinação do idoso também bateu recorde de cobertura.", temos as seguintes informações - "O Brasil registrava, antes, casos de paralisia infantil.", na primeira, e "o número de vacinação de idosos era menor.", na segunda.
II. A expressão MAIS deixa o mesmo conteúdo implícito nas 3 (três) ocorrências abaixo:
"Vence MAIS uma, Brasil",
"MAIS que motivos de orgulho, estas marcas colocam o Brasil como campeão"
"Graças ao trabalho de MAIS de 440 mil servidores de saúde e voluntários".
III. Em "o jogo continua" e "Vamos continuar ganhando", inferimos a informação de que o Brasil ganhou pelo menos uma vez, devido ao emprego da expressão GANHANDO.
IV. O recurso da intertextualidade, presente no emprego de palavras como JOGO, CAMPO, GOLEADA, RECORDE,CAMPEÃO, BATER E VENCER, da esfera futebolística, empresta ao texto um caráter metafórico.
Assinale a alternativa (de a a e) que se adequa ao texto:
a) Apenas a proposição II está correta.
b) As proposições II e IV estão corretas.
c) Apenas a proposição III está correta.
d) Apenas a proposição IV está correta.
e) As proposições I e IV estão corretas.

22) (FGV-2004) 1. Uma afirmação verdadeira feita fora do
2. adequado contexto pode ser tão perniciosa
3. quanto uma alegação falsa. É o que tem
4. ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que
5. tenta atribuir ao baixo nível educacional da
6. América Latina a origem de todos os males, da
7. estagnação à péssima distribuição de renda.
8. Nestes últimos dois anos tive algumas
9. oportunidades de discutir esse tema com
10. representantes de instituições internacionais e
11. acadêmicos do exterior e mantive divergências
12. com vários deles. Aliás, num desses
13. encontros, a tese - defendida com vigor pelo
14. diretor de uma dessas instituições - ampliava

15. o conceito e definia a dobradinha "educação/corrupção"
16. como a única causadora do
17. desemprego e da paralisia econômica nessas
18. plagas.
19. Esse novo argumento se sobrepõe ao
20. malsucedido "abram, privatizem e estabilizem
21. que tudo mais lhes será dado por acréscimo"
22. predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais
23. uma vez, atribui a nossas misérias causas
24. unicamente endógenas. Nada de dividir
25. responsabilidades - por exemplo - com os
26. efeitos perversos da globalização ou da
27. automação sobre os empregos; ou com as
28. políticas protecionistas dos países centrais
29. sobre o comércio dos periféricos.
30. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos
31. responsáveis. No entanto, fôssemos nós
32. capazes de formar mais 50 mil engenheiros e
33. outros tantos advogados e médicos, estariam
34. eles todos empregados e contribuiriam
35. imediatamente para a retomada do
36. desenvolvimento auto-sustentado de que tanto
37. necessitamos. Caricaturas à parte, é
38. interessante observar os números recentes do
39. Brasil para tirarmos algumas conclusões. No
40. período 1994-2001, a escolaridade nos níveis
41. médio e superior aumentou significantemente
42. no País; as matrículas do ciclo médio
43. cresceram 70% e o número de jovens que
44. concluíram essa etapa dobrou; no nível
45. superior as matrículas aumentaram 62%,
46. crescendo 32% a quantidade dos que
47. concluíram, com êxito, faculdade; finalmente,
48. em programas de pós-graduação o aumento
49. de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-
50. graduação federal evoluíram 146%.
51. No entanto, apesar de um aumento
52. importante - em alguns casos,
53. impressionante - da escolaridade e do
54. "padrão" educacional, o País teve, entre 1995
55. e 2003, uma estagnação do PIB per capita
56. (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de
57. concentração de renda, o quadro geral
58. manteve-se com mínimas variações durante
59. todo o período: enquanto os 10% mais ricos
60. continuam a se apropriar de 41% da renda
61. total metropolitana, os 10% mais pobres
62. também mantêm seu irrisório 1%. Se
63. somarmos os 30% mais ricos, sua participação
64. na renda total metropolitana caiu ligeiramente,
65. de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais
66. pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase
67. nada se alterou. Quanto ao mercado de
68. trabalho, houve uma grande escalada do
69. desemprego e da informalidade, com
70. simultânea forte queda da renda das famílias.
71. Movidas principalmente por necessidade de
72. complementação da renda familiar, mulheres
73. deixaram os cuidados com os filhos e suas
74. casas e correram ao mercado, causando um
75. significativo aumento do emprego doméstico,
76. com e sem carteira assinada. Com o aumento
77. da escolaridade, reduziu-se a taxa de
78. participação dos mais jovens (10 até 17 anos)
79. na população economicamente ativa, ou seja,
80. aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas
81. foi nessa faixa etária que mais o desemprego
82. subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

Encontra-se no texto, nas linhas 24 a 29, o seguinte período:

"Nada de dividir responsabilidades - por exemplo - com os efeitos perversos da globalização ou da automação sobre os empregos; ou com as políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos."

A respeito dele, com base nas notícias de jornais e revistas, podemos entender que:

a) As políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos referem-se, principalmente, ao fato de os países mais desenvolvidos imporem taxas sobre o preço dos produtos importados de países menos desenvolvidos.
b) Os países centrais são todos aqueles localizados no hemisfério norte.
c) Os países centrais são aqueles localizados ao longo do Equador.
d) Os efeitos perversos da automação sobre os empregos correspondem mais imediatamente à gradual redução da capacidade de compra que a renda da classe média vem sofrendo nos últimos anos.
e) As políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos referem-se, principalmente, ao fato de os países mais desenvolvidos imporem taxas sobre o preço de produtos relacionados com microcomputadores.

23) (FGV-2004) 1. Uma afirmação verdadeira feita fora do
2. adequado contexto pode ser tão perniciosa
3. quanto uma alegação falsa. É o que tem
4. ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que
5. tenta atribuir ao baixo nível educacional da
6. América Latina a origem de todos os males, da
7. estagnação à péssima distribuição de renda.
8. Nestes últimos dois anos tive algumas
9. oportunidades de discutir esse tema com
10. representantes de instituições internacionais e
11. acadêmicos do exterior e mantive divergências
12. com vários deles. Aliás, num desses
13. encontros, a tese - defendida com vigor pelo
14. diretor de uma dessas instituições - ampliava
15. o conceito e definia a dobradinha "educaçãocorrupção"
16. como a única causadora do
17. desemprego e da paralisia econômica nessas
18. plagas.
19. Esse novo argumento se sobrepõe ao

20. malsucedido “abram, privatizem e estabilizem
21. que tudo mais lhes será dado por acréscimo”
22. predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais
23. uma vez, atribui a nossas misérias causas
24. unicamente endógenas. Nada de dividir
25. responsabilidades - por exemplo - com os
26. efeitos perversos da globalização ou da
27. automação sobre os empregos; ou com as
28. políticas protecionistas dos países centrais
29. sobre o comércio dos periféricos.
30. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos
31. responsáveis. No entanto, fôssemos nós
32. capazes de formar mais 50 mil engenheiros e
33. outros tantos advogados e médicos, estariam
34. eles todos empregados e contribuiriam
35. imediatamente para a retomada do
36. desenvolvimento auto-sustentado de que tanto
37. necessitamos. Caricaturas à parte, é
38. interessante observar os números recentes do
39. Brasil para tirarmos algumas conclusões. No
40. período 1994-2001, a escolaridade nos níveis
41. médio e superior aumentou significantemente
42. no País; as matrículas do ciclo médio
43. cresceram 70% e o número de jovens que
44. concluíram essa etapa dobrou; no nível
45. superior as matrículas aumentaram 62%,
46. crescendo 32% a quantidade dos que
47. concluíram, com êxito, faculdade; finalmente,
48. em programas de pós-graduação o aumento
49. de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-
50. graduação federal evoluíram 146%.
51. No entanto, apesar de um aumento
52. importante - em alguns casos,
53. impressionante - da escolaridade e do
54. “padrão” educacional, o País teve, entre 1995
55. e 2003, uma estagnação do PIB per capita
56. (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de
57. concentração de renda, o quadro geral
58. manteve-se com mínimas variações durante
59. todo o período: enquanto os 10% mais ricos
60. continuam a se apropriar de 41% da renda
61. total metropolitana, os 10% mais pobres
62. também mantêm seu irrisório 1%. Se
63. somarmos os 30% mais ricos, sua participação
64. na renda total metropolitana caiu ligeiramente,
65. de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais
66. pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase
67. nada se alterou. Quanto ao mercado de
68. trabalho, houve uma grande escalada do
69. desemprego e da informalidade, com
70. simultânea forte queda da renda das famílias.
71. Movidas principalmente por necessidade de
72. complementação da renda familiar, mulheres
73. deixaram os cuidados com os filhos e suas
74. casas e correram ao mercado, causando um
75. significativo aumento do emprego doméstico,
76. com e sem carteira assinada. Com o aumento
77. da escolaridade, reduziu-se a taxa de
78. participação dos mais jovens (10 até 17 anos)
79. na população economicamente ativa, ou seja,
80. aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas
81. foi nessa faixa etária que mais o desemprego
82. subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

De acordo com o autor do texto:

a) Grupos dominantes da América Latina consideram o baixo nível escolar como a causa do subdesenvolvimento regional e tentam impor essa idéia aos demais.
b) O autor defende a idéia de que a causa da má distribuição de renda nos países da América Latina seja o baixo nível de escolaridade de sua população, aliado ao alto nível de corrupção.
c) O autor defende uma frase fora de contexto, mais perniciosa que uma afirmação falsa.
d) O baixo nível educacional da população e a corrupção não são as únicas causas da má distribuição de renda nem da estagnação na América Latina.
e) Diretores de algumas instituições internacionais de renome defendem a idéia de que a educação, combinada com a corrupção, produz desemprego na América Latina.

24) (FGV-2004) 1. Uma afirmação verdadeira feita fora do
2. adequado contexto pode ser tão perniciosa
3. quanto uma alegação falsa. É o que tem
4. ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que
5. tenta atribuir ao baixo nível educacional da
6. América Latina a origem de todos os males, da
7. estagnação à péssima distribuição de renda.
8. Nestes últimos dois anos tive algumas
9. oportunidades de discutir esse tema com
10. representantes de instituições internacionais e
11. acadêmicos do exterior e mantive divergências
12. com vários deles. Aliás, num desses
13. encontros, a tese - defendida com vigor pelo
14. diretor de uma dessas instituições - ampliava
15. o conceito e definia a dobradinha “educaçãocorrupção”
16. como a única causadora do
17. desemprego e da paralisia econômica nessas
18. plagas.
19. Esse novo argumento se sobrepõe ao
20. malsucedido “abram, privatizem e estabilizem
21. que tudo mais lhes será dado por acréscimo”
22. predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais
23. uma vez, atribui a nossas misérias causas
24. unicamente endógenas. Nada de dividir
25. responsabilidades - por exemplo - com os
26. efeitos perversos da globalização ou da
27. automação sobre os empregos; ou com as
28. políticas protecionistas dos países centrais
29. sobre o comércio dos periféricos.
30. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos
31. responsáveis. No entanto, fôssemos nós
32. capazes de formar mais 50 mil engenheiros e
33. outros tantos advogados e médicos, estariam
34. eles todos empregados e contribuiriam
35. imediatamente para a retomada do
36. desenvolvimento auto-sustentado de que tanto

37. necessitamos. Caricaturas à parte, é
38. interessante observar os números recentes do
39. Brasil para tirarmos algumas conclusões. No
40. período 1994-2001, a escolaridade nos níveis
41. médio e superior aumentou significantemente
42. no País; as matrículas do ciclo médio
43. cresceram 70% e o número de jovens que
44. concluíram essa etapa dobrou; no nível
45. superior as matrículas aumentaram 62%,
46. crescendo 32% a quantidade dos que
47. concluíram, com êxito, faculdade; finalmente,
48. em programas de pós-graduação o aumento
49. de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-
50. graduação federal evoluíram 146%.
51. No entanto, apesar de um aumento
52. importante - em alguns casos,
53. impressionante - da escolaridade e do
54. “padrão” educacional, o País teve, entre 1995
55. e 2003, uma estagnação do PIB per capita
56. (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de
57. concentração de renda, o quadro geral
58. manteve-se com mínimas variações durante
59. todo o período: enquanto os 10% mais ricos
60. continuam a se apropriar de 41% da renda
61. total metropolitana, os 10% mais pobres
62. também mantêm seu irrisório 1%. Se
63. somarmos os 30% mais ricos, sua participação
64. na renda total metropolitana caiu ligeiramente,
65. de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais
66. pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase
67. nada se alterou. Quanto ao mercado de
68. trabalho, houve uma grande escalada do
69. desemprego e da informalidade, com
70. simultânea forte queda da renda das famílias.
71. Movidas principalmente por necessidade de
72. complementação da renda familiar, mulheres
73. deixaram os cuidados com os filhos e suas
74. casas e correram ao mercado, causando um
75. significativo aumento do emprego doméstico,
76. com e sem carteira assinada. Com o aumento
77. da escolaridade, reduziu-se a taxa de
78. participação dos mais jovens (10 até 17 anos)
79. na população economicamente ativa, ou seja,
80. aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas
81. foi nessa faixa etária que mais o desemprego
82. subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

No texto, o autor sugere que:
a) Somos incompetentes congênitos; por isso temos a responsabilidade de encontrar alternativas para resolver nossos problemas sociais e econômicos.
b) Não somos incompetentes congênitos; por isso temos a responsabilidade de encontrar alternativas para resolver nossos problemas sociais e econômicos.
c) As pessoas que argumentam sermos incompetentes inatos pretendem esconder as verdadeiras causas de nossos problemas sociais e econômicos
d) Não somos incompetentes congênitos: as causas de nossos males econômicos e sociais são complexas
e) Não somos incompetentes congênitos: as causas de nossos males econômicos e sociais são simples.

25) (FGV-2004) 1. Uma afirmação verdadeira feita fora do
2. adequado contexto pode ser tão perniciosa
3. quanto uma alegação falsa. É o que tem
4. ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que
5. tenta atribuir ao baixo nível educacional da
6. América Latina a origem de todos os males, da
7. estagnação à péssima distribuição de renda.
8. Nestes últimos dois anos tive algumas
9. oportunidades de discutir esse tema com
10. representantes de instituições internacionais e
11. acadêmicos do exterior e mantive divergências
12. com vários deles. Aliás, num desses
13. encontros, a tese - defendida com vigor pelo
14. diretor de uma dessas instituições - ampliava
15. o conceito e definia a dobradinha “educaçãocorrupção”
16. como a única causadora do
17. desemprego e da paralisia econômica nessas
18. plagas.
19. Esse novo argumento se sobrepõe ao
20. malsucedido “abram, privatizem e estabilizem
21. que tudo mais lhes será dado por acréscimo”
22. predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais
23. uma vez, atribui a nossas misérias causas
24. unicamente endógenas. Nada de dividir
25. responsabilidades - por exemplo - com os
26. efeitos perversos da globalização ou da
27. automação sobre os empregos; ou com as
28. políticas protecionistas dos países centrais
29. sobre o comércio dos periféricos.
30. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos
31. responsáveis. No entanto, fôssemos nós
32. capazes de formar mais 50 mil engenheiros e
33. outros tantos advogados e médicos, estariam
34. eles todos empregados e contribuiriam
35. imediatamente para a retomada do
36. desenvolvimento auto-sustentado de que tanto
37. necessitamos. Caricaturas à parte, é
38. interessante observar os números recentes do
39. Brasil para tirarmos algumas conclusões. No
40. período 1994-2001, a escolaridade nos níveis
41. médio e superior aumentou significantemente
42. no País; as matrículas do ciclo médio
43. cresceram 70% e o número de jovens que
44. concluíram essa etapa dobrou; no nível
45. superior as matrículas aumentaram 62%,
46. crescendo 32% a quantidade dos que
47. concluíram, com êxito, faculdade; finalmente,
48. em programas de pós-graduação o aumento
49. de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-
50. graduação federal evoluíram 146%.
51. No entanto, apesar de um aumento
52. importante - em alguns casos,
53. impressionante - da escolaridade e do

54. “padrão” educacional, o País teve, entre 1995
55. e 2003, uma estagnação do PIB per capita
56. (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de
57. concentração de renda, o quadro geral
58. manteve-se com mínimas variações durante
59. todo o período: enquanto os 10% mais ricos
60. continuam a se apropriar de 41% da renda
61. total metropolitana, os 10% mais pobres
62. também mantêm seu irrisório 1%. Se
63. somarmos os 30% mais ricos, sua participação
64. na renda total metropolitana caiu ligeiramente,
65. de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais
66. pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase
67. nada se alterou. Quanto ao mercado de
68. trabalho, houve uma grande escalada do
69. desemprego e da informalidade, com
70. simultânea forte queda da renda das famílias.
71. Movidas principalmente por necessidade de
72. complementação da renda familiar, mulheres
73. deixaram os cuidados com os filhos e suas
74. casas e correram ao mercado, causando um
75. significativo aumento do emprego doméstico,
76. com e sem carteira assinada. Com o aumento
77. da escolaridade, reduziu-se a taxa de
78. participação dos mais jovens (10 até 17 anos)
79. na população economicamente ativa, ou seja,
80. aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas
81. foi nessa faixa etária que mais o desemprego
82. subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

No texto, um dos principais argumentos do autor é:
a) Não há relação imediata de causa e conseqüência entre o número de alunos formados e o desenvolvimento auto-sustentado de um país periférico.
b) Se os países periféricos pudessem investir mais na educação de sua população, estaria pelo menos facilitado o caminho para o desenvolvimento auto-sustentado.
c) O número de alunos do Ensino Médio e do Ensino Superior aumentou no período considerado; por isso foi mínima a variação na concentração de renda da população.
d) Há relação imediata de causa e conseqüência entre o número de alunos formados, em um país periférico, e o nível de concentração de renda desse país.
e) Quando varia pouco o nível de concentração de renda de um país, o número de alunos matriculados no Ensino Médio aumenta.

26) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Acerca do uso da vírgula no trecho: "Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os
corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos", pode-se afirmar que

a) é inteiramente desnecessário, pois o sujeito das duas orações é o mesmo e, por essa razão, não provocaria ambigüidade alguma.
b) é necessário, na medida em que evita uma possível ambigüidade entre fotografar os corpos e fotografar os mais jovens.
c) é apenas uma questão estilística, pois o uso da vírgula não é uma questão normatizada na língua e representa apenas uma pausa na respiração.
d) é totalmente necessário para poder separar o sujeito "corpos" de seu objeto direto, no caso,
representado por "os mais jovens".
e) é facultativo, primeiro, porque não se separam dois objetos diretos com vírgula e, segundo, porque não se usa vírgula antes de "e".

27) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a

machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao terceiro parágrafo do texto, a expressão SEUS ALGOZES faz o leitor compreender
que se trata dos algozes
a) dos próprios moradores que descreveram a cena.
b) da algazarra.
c) da reportagem.
d) do motoboy.
e) de uma das vítimas.

28) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No primeiro parágrafo do texto, lê-se o seguinte trecho: "No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado...". Em relação a esse trecho, a ação de ler expressa em "lia-se. tem como agente:
a) Um grupo generalizado de leitores.
b) Apenas Elvira Lobato, uma vez que ela é a autora do artigo referido pelo autor.
c) Apenas o relato de Elvira Lobato, pois é ele que exerce a ação expressa pelo verbo.
d) Exclusivamente o próprio autor deste artigo (Clóvis Rossi), porque só ele pôde ter acesso ao texto.
e) Somente os jovens negros referidos no artigo, pois o que aconteceu com eles é o centro deste artigo.

29) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.

"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao trecho "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações", é possível afirmar que a conjunção COMO estabelece o sentido de
a) causa.
b) comparação.
c) conseqüência.
d) concessão.
e) conformidade.

30) (ENEM-2003) A biodiversidade diz respeito tanto a genes, espécies, ecossistemas, como a funções, e coloca problemas de gestão muito diferenciados. É carregada de normas de valor. Proteger a biodiversidade pode significar:
- a eliminação da ação humana, como é a proposta da ecologia radical;
- a proteção das populações cujos sistemas de produção e cultura repousam num dado ecossistema;
- a defesa dos interesses comerciais de firmas que utilizam a biodiversidade como matéria-prima, para produzir mercadorias.
(Adaptado de GARAY, I. & DIAS, B. Conservação da biodiversidade em ecossistemas tropicais)

De acordo com o texto, no tratamento da questão da biodiversidade no Planeta,
a) o principal desafio é conhecer todos problemas dos ecossistemas, para conseguir protegê-los da ação humana.
b) os direitos e os interesses comerciais dos produtores devem ser defendidos, independentemente do equilíbrio ecológico.
c) deve-se valorizar o equilíbrio do meio ambiente, ignorando-se os conflitos gerados pelo uso da terra e seus recursos.
d) o enfoque ecológico é mais importante do que o social, pois as necessidades das populações não devem constituir preocupação para ninguém.
e) há diferentes visões em jogo, tanto as que só consideram aspectos ecológicos, quanto as que levam em conta aspectos sociais e econômicos.

31) (IBMEC-2006) A busca da felicidade
Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.
As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.
A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.
Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética?
De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.
Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.
(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Assinale a alternativa **correta** de acordo com o texto.
a) Para saber o significado de alguma coisa é imprescindível que se saiba sua definição.
b) É óbvio que beleza e dinheiro estão aliados às conquistas que o ser humano pode alcançar na sua batalha diária.
c) As pessoas que não têm atividade que exija concentração e dedicação dificilmente não conseguirão se realizar plenamente.

d) O estado natural de satisfação de uma pessoa pode ser alterado em virtude de bons ou maus acontecimentos.
e) A felicidade está diretamente relacionada à carga genética do ser humano.

32) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

Na avaliação da autora, o que habitualmente caracteriza a relação do adulto com o velho é
a) o desinteresse do adulto pelo confronto de idéias, expressando uma tolerância que atua como discriminação do velho.
b) uma sucessão de conflitos, motivada pela baixa tolerância e pela insinceridade recíprocas.
c) a inconseqüência dos diálogos, já que a um e a outro interessa apenas a reiteração de seus pontos de vista.
d) o equívoco do adulto, que trata o velho sem considerar as diferenças entre a condição deste e a de um amigo mais próximo.
e) a insinceridade das opiniões do adulto, nas quais se manifestam sua divergência e sua impaciência.

33) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

Considerando-se o sentido do conjunto do texto, é correto afirmar que
a) as palavras “crescimento” e “dor” são utilizadas de modo a constituírem um paradoxo.
b) as palavras “alteridade”, “contradição”, “afrontamento” e “conflito” encadeiam-se numa progressão semântica.
c) a expressão “abdicação do diálogo” tem significação oposta à da expressão “tolerância sem o calor da sinceridade”.
d) a expressão “o que só se permite” está empregada com o sentido de “o que nunca se faculta”.
e) a expressão “nos desviamos das áreas de atrito” está empregada com o sentido oposto ao da expressão “aparamos todas as arestas”.

34) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

A frase em que a palavra sublinhada preserva o sentido com que foi empregada no texto é:
a) Na mais sumária **relação** das virtudes humanas não deixará de constar a sinceridade.
b) Sobretudo os **pobres** sentem o peso do que seja banimento ou discriminação.
c) É por vezes difícil a **discriminação** entre tolerância e menosprezo.
d) Enfrentar a **contradição** é sempre um grande passo para o nosso crescimento.
e) Se **traduzir** é difícil, mais difícil é o diálogo entre pessoas que se mascaram na mesma língua.

35) (ESPM-2007) A dança das palavras
O professor [e crítico] Antonio Candido contou há vários anos, numa roda de amigos, uma curiosa história. Se não estou enganado, o protagonista era um português, dono de uma pensão no Rio de Janeiro, chamada de “Península Fernandes”.
Intrigado e ao mesmo tempo curioso, Antonio Candido perguntou ao homem qual a razão daquele título. “É que eu me chamo Fernandes”, foi a resposta. “Bom, mas e ‘península’”?. “‘Península’ é porque eu acho a palavra bonita.”
[...]
Palavras feias, aliás, não são necessariamente os chamados “palavrões”, alguns até, se não bonitos, certamente bem expressivos.
Deixo as questões estéticas, para lembrar que os signos têm vida e, portanto, nascem, vivem, alguns morrem, ficam congelados ou se transfiguram. Embora tenha atração por seu nascimento, deixo de lado a etimologia e me fixo no congelamento e na transfiguração.
[...]
Vamos aos signos congelados.
Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.
O que era Escobar para Bentinho, no romance “Dom Casmurro”? Seu comborço, diz Machado, ou seja, o amante

de sua mulher, a acreditar-se na versão de uma "pecaminosa"
Capitu. Pois bem, ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta.
Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada, praticamente sem esperanças de ressurreição, lutando para permanecer o mais possível nesse estado.
De qualquer forma, vinga-se de nós, contemporâneos, que a desprezaram, ao obrigar-nos a ir buscar seu significado, quando lemos "Dom Casmurro".
[...]
A transfiguração se distingue do congelamento. Nesse caso, estamos diante de um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo.
Muito me atrai a transfiguração da palavra "bonde" e sua aplicação concomitante a diferentes sentidos. Típica do português do Brasil, ela se originou da palavra inglesa "bond" (título, obrigação), impressa, a princípio, nos "bilhetes de passagem" de uma empresa do Rio de Janeiro - a "Botanical Garden Railway", por volta de 1870.
Foi tal o impacto do signo que ele serviu para compor diversas frases.
[...]
O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor. Se ele já designava várias coisas, passou a designar outras mais, como o "bonde" da cadeia, que leva e traz presos, ou um conjunto artístico, um grupo literário etc.
Volto à história do dono da pensão. Para ele, península não era uma "insípida porção de terra cercada de água por todos os lados, menos por um que a liga ao continente", como ensinavam os antigos professores de geografia.
(BORIS FAUSTO, Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 15/04/2007)

Sobre o texto, a afirmação correta é:
a) Não mais se aplica à palavra "península" a acepção dada pelos "antigos professores de geografia".
b) O "congelamento" das palavras representa para o enunciador o anúncio da "morte" indubitável dessas.
c) O enunciador afirma que "pecaminosa", atribuída a Capitu, está praticamente "congelada nos dicionários".
d) A etimologia (casta) das palavras não é garantia de sua permanência no vocabulário da "fala cotidiana".
e) O "fim" de um objeto implica, quase sempre, o desaparecimento, também, da palavra que o designa.

36) (ESPM-2007) A dança das palavras
O professor [e crítico] Antonio Candido contou há vários anos, numa roda de amigos, uma curiosa história. Se não estou enganado, o protagonista era um português, dono de uma pensão no Rio de Janeiro, chamada de "Península Fernandes".
Intrigado e ao mesmo tempo curioso, Antonio Candido perguntou ao homem qual a razão daquele título. "É que eu me chamo Fernandes", foi a resposta. "Bom, mas e 'península'"?. "'Península' é porque eu acho a palavra bonita."
[...]
Palavras feias, aliás, não são necessariamente os chamados "palavrões", alguns até, se não bonitos, certamente bem expressivos.
Deixo as questões estéticas, para lembrar que os signos têm vida e, portanto, nascem, vivem, alguns morrem, ficam congelados ou se transfiguram. Embora tenha atração por seu nascimento, deixo de lado a etimologia e me fixo no congelamento e na transfiguração.
[...]
Vamos aos signos congelados.
Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.
O que era Escobar para Bentinho, no romance "Dom Casmurro"? Seu comborço, diz Machado, ou seja, o amante de sua mulher, a acreditar-se na versão de uma "pecaminosa"
Capitu. Pois bem, ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta.
Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada, praticamente sem esperanças de ressurreição, lutando para permanecer o mais possível nesse estado.
De qualquer forma, vinga-se de nós, contemporâneos, que a desprezaram, ao obrigar-nos a ir buscar seu significado, quando lemos "Dom Casmurro".
[...]
A transfiguração se distingue do congelamento. Nesse caso, estamos diante de um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo.
Muito me atrai a transfiguração da palavra "bonde" e sua aplicação concomitante a diferentes sentidos. Típica do português do Brasil, ela se originou da palavra inglesa "bond" (título, obrigação), impressa, a princípio, nos "bilhetes de passagem" de uma empresa do Rio de Janeiro - a "Botanical Garden Railway", por volta de 1870.
Foi tal o impacto do signo que ele serviu para compor diversas frases.
[...]
O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor. Se ele já designava várias coisas, passou a designar outras mais, como o "bonde" da cadeia, que leva e traz presos, ou um conjunto artístico, um grupo literário etc.
Volto à história do dono da pensão. Para ele, península não era uma "insípida porção de terra cercada de água por todos os lados, menos por um que a liga ao continente", como ensinavam os antigos professores de geografia.
(BORIS FAUSTO, Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 15/04/2007)

Ainda sobre "A dança das palavras", é incorreto afirmar que:
a) Apesar de aparentemente deslocada, a história do dono da pensão é o fio condutor das especulações do enunciador.
b) Apesar de não explicitar a expressão "variação lingüística", pode-se dizer que este é um dos assuntos do texto.

c) Em seu relato, Antonio Candido já supunha que há uma distinção entre a "transfiguração" e o "congelamento" das palavras.
d) Ao falar de palavras "feias" e "bonitas", o enunciador estabelece uma distinção entre beleza fonética e significação.
e) Em diferentes contextos culturais ou históricos, uma mesma palavra pode designar "várias coisas".

37) (ESPM-2007) A dança das palavras
O professor [e crítico] Antonio Candido contou há vários anos, numa roda de amigos, uma curiosa história. Se não estou enganado, o protagonista era um português, dono de uma pensão no Rio de Janeiro, chamada de "Península Fernandes".
Intrigado e ao mesmo tempo curioso, Antonio Candido perguntou ao homem qual a razão daquele título. "É que eu me chamo Fernandes", foi a resposta. "Bom, mas e 'península'"?. "'Península' é porque eu acho a palavra bonita."
[...]
Palavras feias, aliás, não são necessariamente os chamados "palavrões", alguns até, se não bonitos, certamente bem expressivos.
Deixo as questões estéticas, para lembrar que os signos têm vida e, portanto, nascem, vivem, alguns morrem, ficam congelados ou se transfiguram. Embora tenha atração por seu nascimento, deixo de lado a etimologia e me fixo no congelamento e na transfiguração.
[...]
Vamos aos signos congelados.
Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.
O que era Escobar para Bentinho, no romance "Dom Casmurro"? Seu comborço, diz Machado, ou seja, o amante de sua mulher, a acreditar-se na versão de uma "pecaminosa"
Capitu. Pois bem, ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta.
Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada, praticamente sem esperanças de ressurreição, lutando para permanecer o mais possível nesse estado.
De qualquer forma, vinga-se de nós, contemporâneos, que a desprezaram, ao obrigar-nos a ir buscar seu significado, quando lemos "Dom Casmurro".
[...]
A transfiguração se distingue do congelamento. Nesse caso, estamos diante de um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo.
Muito me atrai a transfiguração da palavra "bonde" e sua aplicação concomitante a diferentes sentidos. Típica do português do Brasil, ela se originou da palavra inglesa "bond" (título, obrigação), impressa, a princípio, nos "bilhetes de passagem" de uma empresa do Rio de Janeiro - a "Botanical Garden Railway", por volta de 1870.
Foi tal o impacto do signo que ele serviu para compor diversas frases.
[...]
O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor. Se ele já designava várias coisas, passou a designar outras mais, como o "bonde" da cadeia, que leva e traz presos, ou um conjunto artístico, um grupo literário etc.
Volto à história do dono da pensão. Para ele, península não era uma "insípida porção de terra cercada de água por todos os lados, menos por um que a liga ao continente", como ensinavam os antigos professores de geografia.
(BORIS FAUSTO, Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 15/04/2007)

Nos trechos:
"Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.(...) O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor."
Os vocábulos em negrito podem ser substituídos, sem prejuízo de sentido, respectivamente por:
a) Porque, tal qual, conforme.
b) Tal qual, conforme, porque.
c) Porque, tal qual, de modo que.
d) Conforme, tal qual, segundo.
e) Porque, conforme, tal qual.

38) (Vunesp-2003) A economia argentina já está respirando sem aparelhos. Um dado eloqüente dessa recuperação: o Brasil aumentou em 100% suas exportações para lá em março, em comparação com o mesmo período do ano passado.
(Revista Veja, 02.04.2003.)

Nas tempestades de areia do nosso destino, nas cavernas mais profundas da nossa ancestralidade, nos subterrâneos da nossa aventura, escondem-se delatores e terroristas, carcereiros e torturadores, cassandras* e patriotas, usurpadores e fanáticos, predadores e corruptos, seqüestradores e sociopatas. As guerras são a hora da sua plena liberação.
*Cassandra era uma profetiza troiana que anunciava desgraças e era desacreditada por todos.
(Rodolfo Konder, Folha de S.Paulo, 07.04.2003.)

Os dois textos foram escritos com o emprego de linguagem figurada. Para efetivamente compreendê-los, é necessário "decodificar" as figuras que são, nesse caso, metáforas.
Depois de fazer isso, explique:
a) Qual o sentido da frase:
A *economia argentina está respirando sem aparelhos.*
b) Qual a tese defendida pelo autor no segundo texto?

39) (Enem Cancelado-2009) A ética nasceu na polis grega com a pergunta pelos critérios que pudessem tornar possível o enfrentamento da vida com dignidade. Isto significa dizer que o ponto de partida da ética é a vida, a realidade humana, que, em nosso caso, é uma realidade de fome e miséria, de exploração e exclusão, de desespero e desencanto frente a um sentido da vida. É neste ponto que

somos remetidos diretamente à questão da democracia, um projeto que se realiza nas relações da sociabilidade humana.
Disponível em: http://www.jornaldeopiniao.com.br. Acesso em: 03 maio 2009.
O texto pretende que o leitor se convença de que a
a) ética é a vivência da realidade das classes pobres, como mostra o fragmento "é uma realidade de fome e miséria".
b) ética é o cultivo dos valores morais para encontrar sentido na vida, como mostra o fragmento "de desespero e desencanto frente a um sentido da vida".
c) experiência democrática deve ser um projeto vivido na coletividade, como mostra o fragmento "um projeto que se realiza nas relações da sociabilidade humana".
d) experiência democrática precisa ser exercitada em benefício dos mais pobres, com base no fragmento "tornar possível o enfrentamento da vida com dignidade".
e) democracia é a melhor forma de governo para as classes menos favorecidas, como mostra o fragmento "É neste ponto que somos remetidos diretamente à questão da democracia".

40) (Fuvest-2000) A explosão dos computadores pessoais, as "infovias", as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.
(Jornal do Brasil, 13/02/96)

No texto, a expressão que sintetiza os efeitos da revolução operada pela informática é
a) "atropelaram o mundo".
b) "tornaram as leis antiquadas".
c) "reformularam a economia".
d) "redefiniram os locais de trabalho".
e) "desafiaram constituições".

41) (Fuvest-2000) A explosão dos computadores pessoais, as "infovias", as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.
(Jornal do Brasil, 13/02/96)

A expressão "revoluções não são sutis" indica
a) a natureza efêmera das revoluções.
b) a negação dos benefícios decorrentes das revoluções.
c) a natureza precária das revoluções.
d) o caráter radical das revoluções.
e) o traço progressista das revoluções.

42) (Enem Cancelado-2009) A falta de espaço para brincar é um problema muito comum nos grandes centros urbanos. Diversas brincadeiras de rua tal como o pular corda, o pique pega e outros têm desaparecido do cotidiano das crianças. As brincadeiras são importantes para o crescimento e desenvolvimento das crianças, pois desenvolvem tanto habilidades perceptivo-motoras quanto habilidades sociais. Considerando a brincadeira e o jogo como um importante instrumento de interação social, pois por meio deles a criança aprende sobre si, sobre o outro e sobre o mundo ao seu redor, entende-se que
a) o jogo possibilita a participação de crianças de diferentes idades e níveis de habilidade motora.
b) o jogo desenvolve habilidades competitivas centradas na busca da excelência na execução de atividades do cotidiano.
c) o jogo gera um espaço para vivenciar situações de exclusão que serão negativas para a aprendizagem social.
d) através do jogo é possível entender que as regras são construídas socialmente e que não podemos modificá-las.
e) no jogo, a participação está sempre vinculada à necessidade de aprender um conteúdo novo e de desenvolver habilidades motoras especializadas.

43) (UDESC-1996) A inteligência é o atributo de que o ser humano mais se orgulha. Graças a essa habilidade, foi possível uma civilização repleta de conforto e prazeres. Até hoje, porém, não se sabe exatamente como essa qualidade surgiu e seu conceito é bastante amplo e polêmico. Conforme cientistas, se resume na capacidade de estabelecer relações e resolver problemas. Isso significa, por exemplo, olhar uma maçã e entender que é uma fruta saudável e a forma criativa de utilizar essa informação é transformá-la em tortas, doces, sucos, geléias.
ISTO É, n. 1381, p. 38-42, 1996.

De acordo com o texto como uma pessoa poderia ser considerada inteligente?

44) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas. O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.

Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de “doenças” (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se “um dos períodos mais negro (sic) da história”. Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Para Sírio Possenti, o movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto é:
a) basicamente um efeito do relativismo.
b) controverso.
c) extremamente discutível.
d) resultado da organização das minorias.
e) francamente risível.

45) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão “politicamente correto” (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que “casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável”. Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar “judeu”, puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.
Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de “doenças” (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se “um dos períodos mais negro (sic) da história”. Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

A carta do leitor à *ISTOÉ* e a resposta da revista revelam:
a) a preocupação da revista em apresentar uma resposta politicamente correta ao questionamento do leitor.
b) a atitude politicamente incorreta da revista tanto em relação às minorias discriminadas quanto aos grupos cuja cultura é socialmente valorizada.

c) o reconhecimento da revista de que o uso da palavra "negro" na matéria sobre Galileu Galilei pode ser ofensivo a um grupo social.
d) a divergência entre o leitor e a revista sobre os contextos e sentidos em que o uso de uma palavra é politicamente incorreto.
e) o reconhecimento, pela revista, da validade do comentário do leitor, a partir do acréscimo da forma "sic" (com o sentido de "exatamente assim") à carta publicada.

46) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.
Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Em outra passagem do mesmo texto, Sírio Possenti reproduz alguns comentários veiculados na imprensa em 1994, a propósito de uma afirmação do então candidato à presidência da República Fernando Henrique Cardoso, que se declarou "mulato":
"Só se ele é filho de mula. Mulatinho é cruzamento com mula, não com negro." (militante negro)
"... atribuir a todo uso da palavra 'mulato' um sentido ofensivo ou discriminatório, como tantos estão fazendo, é negar a natureza dinâmica da linguagem, com sua permanente modificação de formas e sentidos. Mesmo que a procedência etimológica de 'mulato' tenha a incomprovada relação com 'mula', seu sentido não guarda sequer vestígio desta suposta origem". (Jânio de Freitas)
Relacionando os comentários acima com o texto de Possenti, é correto afirmar:
a) Para Jânio de Freitas, o uso da palavra "mulato" só poderá ser considerado ofensivo se for comprovada sua origem etimológica.
b) Para o militante negro, a palavra "mulato" é ofensiva em qualquer circunstância, por associar o negro a um animal.
c) Para Possenti, o uso da palavra "mulato" é discriminatório, uma vez que se pode reconhecer em sua forma a palavra que lhe deu origem: "mula".
d) Tanto para o militante negro quanto para Jânio de Freitas o uso da palavra "mulato" deveria ser abolido em qualquer contexto.
e) Sírio Possenti e Jânio de Freitas defendem as propostas do movimento pelo uso de uma linguagem politicamente correta.

47) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa

superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.
Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Num mundo dominado pela noção do politicamente correto, um autor como o Marquês de Sade não teria ambiente para aparecer à luz do dia. Afinal, o nobre e devasso parisiense contemporâneo da Revolução Francesa fazia a apologia de um conceito um tanto peculiar de liberdade. Para ele, gozá-la em sua plenitude é privilégio para aqueles poucos que derivam prazer da escravização do outro. Nada mais atentatório ao princípio básico da civilização. E no entanto Sade está de novo entre nós: num ciclo de filmes, numa montagem teatral, em ensaios recentes e numa nova tradução de seu primeiro e mais maldito romance: *Os 120 dias de Sodoma*. [...]
(PILAGALLO, Oscar. *Entre Livros*, Ano 1, nº 12.)

Segundo o texto, é correto afirmar:

a) A obra do Marquês de Sade não é hoje compreendida por seu autor ter vivido num mundo politicamente correto.
b) No período da Revolução Francesa defendia-se, como se pode ver na obra do Marquês de Sade, a escravização do outro.
c) O mundo atual, apesar de politicamente correto, não faz uso do conceito de liberdade.
d) A noção de liberdade do Marquês de Sade, em termos atuais, é politicamente incorreta.
e) A recuperação da obra do Marquês Sade corrige o que ela tem de politicamente incorreto.

48) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.
Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade.

Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se “um dos períodos mais negro (sic) da história”. Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Num mundo dominado pela noção do politicamente correto, um autor como o Marquês de Sade não teria ambiente para aparecer à luz do dia. Afinal, o nobre e devasso parisiense contemporâneo da Revolução Francesa fazia a apologia de um conceito um tanto peculiar de liberdade. Para ele, gozá-la em sua plenitude é privilégio para aqueles poucos que derivam prazer da escravização do outro. Nada mais atentatório ao princípio básico da civilização. E no entanto Sade está de novo entre nós: num ciclo de filmes, numa montagem teatral, em ensaios recentes e numa nova tradução de seu primeiro e mais maldito romance: *Os 120 dias de Sodoma*. [...]
(PILAGALLO, Oscar. *Entre Livros*, Ano 1, no 12.)

Para Possenti, a defesa da linguagem e comportamento politicamente corretos “é um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis”. A partir dessa afirmação, classificar de politicamente incorreto o conceito de liberdade do Marquês de Sade seria:
a) risível.
b) equivocado.
c) relevante.
d) discutível.
e) confuso.

49) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem - segundo ele, indiscutível - de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos - e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire - cuja venda quase foi proibida pela Justiça -, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

O título “A morte do livro” anuncia apenas um dos pontos abordados pelo autor no texto. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que outro assunto, no qual está incluída a morte do livro, é:
a) A substituição do livro pelo gramofone e da literatura pela música.
b) A visão simplificadora e simplista da literatura mundial.
c) A longevidade de livros como “O Código da Vinci” e “Harry Potter”.
d) O fim de determinado tipo de literatura pela suposta falta de público-leitor.
e) A qualidade literária de “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire.

50) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não

por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
(Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

Em seu texto, Ferreira Gullar utiliza vários argumentos para refutar a possível morte do livro. Tendo isso em vista, assinale o item cujo argumento não reforce seu ponto-de-vista:

a) O número de páginas dos best-sellers está cada vez maior.
b) Os best-sellers, como "O Código da Vinci" e "Harry Potter", vendem cada vez mais.
c) A profecia do poeta Guillaume Apollinaire que afirmava que o livro deixaria de ser veículo de literatura.
d) Os best-sellers alcançam grandes tiragens em vários idiomas.
e) Alguns dos livros mais vendidos chegam a ter 800 páginas.

51) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época

havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

Sobre a relação estabelecida pelo autor entre as obras “Flores do Mal”, “Harry Potter” e “O Código da Vinci”, é correto afirmar que:
a) “Flores do Mal”, sucesso comercial de primeira edição, assim como “Harry Potter” e “O Código da Vinci”, pode ser considerado, ao longo do tempo, um verdadeiro “best-seller”.
b) “Flores do Mal”, ao contrário de “Harry Potter” e “Código Da Vinci”, foi fracasso comercial de primeira edição, mas pode ser considerado, ao longo do tempo, um verdadeiro “best-seller”.
c) “Flores do Mal”, ao contrário de “Harry Potter” e “O Código da Vinci”, não pode ser considerado, ao longo do tempo, um verdadeiro “best-seller”.
d) “Flores do Mal”, fracasso comercial ao longo do tempo, ao contrário de “Harry Potter” e “O Código da Vinci”, pode ser considerado, hoje, um verdadeiro “best-seller”.
e) “Flores do Mal”, sucesso comercial ao longo do tempo, ao contrário de “Harry Potter” e “O Código da Vinci”, não pode ser considerado um verdadeiro “best-seller”.

52) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

A partir da leitura, sobretudo dos dois últimos parágrafos, pode-se dizer que as “obras literárias de qualidade” são aquelas que resistem no imaginário coletivo, mesmo com o passar do tempo. Idéia similar a essa pode ser lida em:
a) “[Literatura] é toda escrita imaginativa no sentido de ficção, escrita que não é literalmente verídica.” (EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução)
b) “Tudo é, não é e pode ser que seja literatura. Depende do ponto de vista, do significado que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura.” (LAJOLO, Marisa. Literatura: Leitores e Leitura)
c) “A arte [por extensão, a literatura] é visão ou intuição. O artista produz uma imagem ou fantasma; e quem aprecia a arte dirige o olhar para o ponto que o artista lhe apontou, olha pela fresta que ele lhe abriu e reproduz em si aquela imagem.”
(CROCE, Benedetto. Breviário de Estética)
d) “Erudição, ciência, notícia das boas letras, e humanidades. Conjunto das produções literárias de uma nação, de um país, de uma época.”
(SILVA, Antonio de Moraes. Dicionário da Língua Portuguesa)
e) “Os clássicos [literários] são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).”
(CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos)

53) (ESPM-2006) A morte do livro

FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].

O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]

A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.

Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]

(Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

[...] será possível medir a literariedade (o poder, o prestígio, o volume de capital lingüístico-literário) de uma língua não pelo número de escritores ou de leitores dessa língua, mas pelo número de poliglotas literários (ou protagonistas do espaço literário, editores, intermediários cosmopolitas, descobridores cultos...) que a praticam pelo número de tradutores literários [...] que fazem os textos circularem a partir dessa língua literária ou em sua direção.

(CASANOVA, Pascale. A República Mundial das Letras*)*

Comparando o excerto acima ao texto "A morte do livro", seria possível afirmar que a expressão "poliglotas literários" encontra seu correspondente, no texto de Ferreira Gullar, na seguinte opção:

a) "veículo da literatura" (1º- parágrafo).
b) "núcleo social irradiador de idéias" (6º- parágrafo).
c) "visão simplificadora" (6º- parágrafo).
d) "fatores que estão ocultos" (6º- parágrafo).
e) "best-sellers de nossa época" (7º- parágrafo).

54) (ESPM-2006) A morte do livro

FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].

O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]

A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo

imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]
(Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares [...].
Sobre a relação semântica dos tempos verbais no trecho acima e sua integração no texto, é correto afirmar que:
a) “Revelara-se” se refere a um momento posterior a “veio servir”.
b) “Difundir” se refere a um momento anterior a “revelara-se”.
c) “Revelara-se” se refere a um momento anterior a “foi”.
d) “Continuaram” se refere a um mesmo momento que “difundir”.
e) “Foi” se refere a um momento atemporal.

55) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]
(Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

No trecho: “...Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas...”, o conector em negrito só não possui o mesmo valor semântico de:
a) porque.
b) conquanto.
c) visto que.
d) uma vez que.
e) como.

Gabarito

1) Alternativa: C

2) Alternativa: D

3) Alternativa: B

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) Alternativa: B

7) Alternativa: B

8) Alternativa: E

9) a) A expressão "enfraquecimento do pai" indica, fundamentalmente, a perda de padrões, pois "os jovens atuais não copiam nada" (não se submetem a modelos) e pretendem criar "uma nova cultura", segundo o espírito do tempo em que "vivemos uma vida que foi despadronizada". A figura do pai, nesse contexto, simboliza os valores tradicionais.
b) "Saber orientado" é o conhecimento consagrado, presente nos currículos escolares e resultante da tradição.

10) a) "Precisamos de um novo 'software' para acessar o mundo." (Este é o único trecho em que "a autora utiliza alguns elementos da tecnologia para traduzir seu pensamento", embora a formulação da pergunta - "transcreva um trecho" - implique a existência de outros trechos.)
b) No mundo presente, a vida não mais é moldada por valores e modelos ("padrões") tradicionais.

11) Alternativa: D

12) Alternativa: D

13) Alternativa: A

14) Alternativa: A

15) Alternativa: C

16) Alternativa: B

17) Alternativa: A

18) Alternativa: E

19) Alternativa: D

20) Alternativa: D

21) Alternativa: E

22) Alternativa: A

23) Alternativa: D

24) Alternativa: D

25) Alternativa: A

26) Alternativa: B

27) Alternativa: E

28) Alternativa: A

29) Alternativa: B

30) Alternativa: A

31) Alternativa: D

32) Alternativa: A

33) Alternativa: B

34) Alternativa: D

35) Alternativa: D

36) Alternativa: C

37) Alternativa: A

38) a) Embora ainda passe por dificuldades, a economia argentina está superando momentos de grandes dificuldades.
b) Na guerra o homem liberta seu lado mais condenável (criminoso, traidor, assassino...) escondido no dia-a-dia.

39) Alternativa: C

40) Alternativa: A

41) Alternativa: D

42) Alternativa: A

43) Pelo fato de conseguir estabelecer relações entre as informações recebidas e a partir delas resolver problemas.

44) Alternativa: B

45) Alternativa: D

46) Alternativa: B

47) Alternativa: D
48) Alternativa: C
49) Alternativa: D
50) Alternativa: C
51) Alternativa: B
52) Alternativa: E
53) Alternativa: D
54) Alternativa: sem resposta
55) Alternativa: B